

Apresentação

Everton Augustin é professor de alemão e conectado ao ensino em diálogo com a natureza, música e o bem-viver, a convivência entre os seres que compõem o mundo no qual estamos inseridos. Os textos de Everton são breves reflexões em torno do bicentenário da presença de imigrantes das regiões de língua alemã da Europa para o Brasil. Como descendente e profissional do ensino de língua alemã no Brasil, Everton discorre com autoridade sobre questões relativas à presença da cultura alemã no Brasil.

A seguir, o leitor pode ler o texto do autor sobre si e sua trajetória e dez textos apresentados inicialmente em língua portuguesa e depois em língua alemã.

Boa leitura!

Os editores

E por falar em viver

1965 foi marcado por um inverno frio e chuvoso quando, ao meio-dia daquele 12 de junho, aos berros, fui recebido pelas irmãs Melásia e Maria Cândida e colocado nos braços de minha mãe, no hospital de Poço das Antas.

Minha infância foi feliz na Languiru dos 1960 e 1970. Banhos e pescarias no Arroio Boa Vista eram a diversão predileta. Não esperávamos nem por dias mais quentes. Não lembro de crianças com asma naquela época. Dizem que a água gelada e limpa é um santo remédio.

A virada na minha vida se deu ao poder trabalhar e estudar, a partir de 1979, na então Escola Evangélica Ivoti, onde em 1982 concluí o Curso Técnico em Tradutor-Intérprete e Pré-Teológico.

Fui aprovado, em dezembro de 1982, no exame de seleção para a então FACTEOL no Morro do Espelho, em São Leopoldo, mas eu ainda não estava bem decidido se eu deveria seguir administração, música... O IFPLA – Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã, junto à Unisinos em São Leopoldo, arrebatou toda a minha atenção. Ao final do curso, 1987, nossa turma pôde conhecer a Alemanha ainda dividida pelo Muro. Que vivência!

Atuei como professor em várias instituições, principalmente da Rede Sinodal de Educação: Colégio Sinodal, IENH, Colégio Martin Luther e CEAT. A música sempre estava presente em minha vida. Tive vários alunos de violino. Alguns deles são, hoje, excelentes professores ou violinistas. Superaram-me em muito. Felicidade.

Em 1993 trabalhei na Kooperative Gesamtschule Schinkel em Osnabrück, na Alemanha. Foi um período de aperfeiçoamento na cultura alemã e na docência. Inesquecível.

Em agosto de 1998 começou um namoro com o Colégio Cruzeiro no Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa, que culminaria com um casamento, que se estendeu até abril de 2008 nas funções de coordenador de Ensino Médio e Vice-Diretor.

Uma nova relação profissional iniciou-se no dia 5 de maio de 2008. Assumi a direção geral do Colégio Humboldt, uma escola alemã em São Paulo, capital. Até dezembro de 2015, tive a oportunidade de gigantescas aprendizagens e ampliação de contatos nas mais diversas áreas.

Um convite em meados de 2015 cativou meu coração e um círculo importante na minha vida profissional chegava ao seu ápice. Recebi o convite para assumir a direção geral do Instituto Ivoti – Faculdade e Educação Básica. De 2016 a 2023 pude desempenhar um papel de colaboração com a Escola que tinha aberto meus olhos para o Mundo.

Hoje vivo em meu Sítio Timbaúva, cuja missão é proporcionar saúde por meio de alimentação e vivências no espaço natural que ele oferece. Esse ambiente deu-me a exata noção do quanto ainda não sei e desafia-me a uma aprendizagem contínua. Quer aprender? Vem com a gente.

200 anos depois

Pude provar a felicidade no vilarejo da minha infância. Tinha pescaria, banhos de arroio, carreta de lombo nos poteiros e nas calçadas, futebol (Nasci com dois pés esquerdos!), igreja, teatro, música, festas e muito mais. E tinha a escola, que reunia a garotada de todas as idades. Recreios fantásticos com brincadeiras das mais variadas. Vivíamos boa parte disso no idioma falado nas nossas casas: o Hunsrückisch, uma variante do idioma alemão.

Aos poucos fomos crescendo e queríamos falar como os primos das cidades grandes. Chique era falar bem o português, afinal de contas “alemão batata come queijo com barata”. Faça com que os representantes de uma cultura se envergonhem dela e, portanto, de si mesmos para causar uma boa destruição. Campanha muito bem estruturada pós 1945 pelo governo brasileiro de então.

Fico muito feliz em ver que hoje é diferente. Falar bem uma variante ou o idioma alemão oficial abre portas para que possamos nos inserir melhor no cenário mundial. Inglês já é um idioma naturalmente aceito. Dominar a língua materna, inglês e mais um outro idioma faz toda a diferença.

O que antes era aprendido com naturalidade nos diversos ambientes do vilarejo, hoje precisa ser resgatado. Um resgate é muito mais oneroso. Perdem-se oportunidades e excluem-se crianças de descobrir um mundo bem mais amplo, afinal de contas idiomas carregam em si uma carga cultural gigantesca: um modo de ser, de ver, de entender e de fazer o mundo.

Antes das escolas, os idiomas precisam ser estimulados no âmbito familiar. Ainda dá tempo de educar nossos filhos nos idiomas trazidos dos diversos países que fazem o Brasil de 2024, 200 anos depois da chegada dos primeiros colonos de fala alemã a terras brasileiras.

Cooperar é uma marca

Um idioma é, em sua essência, a expressão de toda uma cultura. O modo de ser, de pensar e de agir está imbricado com a língua com que um grupo se comunica. Junto com o idioma, os alemães trouxeram os valores que lhes eram extremamente caros. A vida comunitária foi um dos aspectos fundamentais para que pudessem superar os enormes desafios de construir a vida em uma nova terra, com realidades muito diferentes das que viviam no seu lugar de origem.

O simples fato de construir uma casa com escassas ferramentas, em plena mata, era tarefa mais fácil quando muitos cooperavam. Era preciso derrubar árvores e beneficiá-las minimamente para que tivessem um abrigo diante das intempéries e dos perigos que os rondavam. Muitas mãos e espírito de colaboração tornaram esse desafio suportável.

Atendidas as necessidades básicas para a sobrevivência e para dar destino aos mortos, era necessário pensar nos filhos e no futuro deles. Escola faz parte dos valores fundamentais da sociedade alemã. Todos precisam saber ler e escrever para bem compreender e expressar e dominar as quatro operações, que tornavam muitos ofícios e a vida em geral mais fáceis. Lá se punham os imigrantes a construir a escola ou a igreja. Uns doavam dinheiro, outros, material de construção. Outros ainda dedicavam seu próprio trabalho para construir a escola.

Superada essa fase, era hora de pensar em festa. Criavam-se sociedades de todos os tipos: música (canto e instrumental), esporte, teatro e tantas outras expressões do espírito humano. Talvez esse espírito explique o grande número de sociedades esportivas e culturais, além de cooperativas nas comunidades de imigração alemã. Cooperar é educação.

Há séculos

Brasil e Alemanha têm uma relação de longa data. Já no início da ocupação dessas terras por parte dos portugueses, havia alemão no pedaço. Ele sabia fazer pólvora e era, portanto, um forte aliado dos portugueses que lutavam contra todos que quisessem também essa terra maravilhosa. Hans Staden era o seu nome e por pouco se livrou dos famintos Tupinambás. De volta a sua terra de origem, escreveu um livro sobre suas duas viagens ao Brasil.

A vinda dos alemães em massa ao Brasil a partir da primeira metade do século XIX é resultante do objetivo do imperador de criar um forte exército para se defender de Portugal, de quem tinha se proclamado independente. Além de soldados era importante ter gente que pudesse contribuir com a produção de alimentos e ocupar o território ao sul do Brasil para protegê-lo das invasões comandadas por espanhóis. Vejam só! A esposa do imperador D. Pedro I era uma austríaca da dinastia de Habsburg e sabia muito bem onde encontrar imigrantes com essas características. A propaganda, na época, pela emigração de alemães ao Brasil coube a outro alemão, o Major Georg Anton von Schäffer, que atuava na corte do império brasileiro, próximo à imperatriz Leopoldina e ao grande líder da independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva.

Hoje há defensores de que o berço da imigração alemã foi Nova Friburgo, quando se diz, por outro lado, que São Leopoldo foi o destino dos alemães atraídos ao Brasil como estratégia do império brasileiro a partir de 1824.

Lá se vão 200 anos e quem conta um conto...

Ich kann net richtig

Ich kann net richtig Deitsch (Não sei falar corretamente alemão.) é muitas vezes a reação de alguém que domina a variante Hunsrück aqui no Brasil, quando interpelado por um falante do alemão oficial. Há nessa expressão um tom de menos-valia. Esse sentimento se dá por consequência da autoimagem construída por muito tempo pelas gerações falantes do idioma nos rincões do nosso Brasil.

Mal sabem eles que são portadores de uma riqueza imensa. Da variante de um idioma para a versão oficial é um caminho bem menos árduo do que precisa ser feito por quem não fala uma língua germânica e precisa aprendê-la do zero. Um falante de uma variante é um “falso iniciante” na aprendizagem do idioma oficial. O mesmo ocorre com quem domina o vêneto e se depara com o italiano de Dante.

Orgulhar-se de ser portador de uma riqueza imaterial extremamente valiosa é fundamental para escancarar as portas da aprendizagem e das oportunidades. Há muitos exemplos de profissionais bem-sucedidos em função do domínio diferenciado de idiomas para além do domínio técnico em sua área. É certo que a maneira de lidar com as outras pessoas e de se posicionar, seja no idioma que for, faz a diferença.

O desenvolvimento de uma região pode se dar também pela capacidade de atrair pessoas do mundo inteiro para conhecer como aqui se vive, nossas belezas e nossas forças. Seja na versão oficial ou em uma variante idiomática, certamente o domínio de idiomas fará um acolhimento diferenciado a quem nos que visitar e eventualmente fazer *Geschäfte*, ou seja, negócios conosco.

Com naturalidade

Temos uma variedade imensa de idiomas praticados em casas de famílias que ajudam a construir a nossa região. É uma riqueza cujo valor é imensurável. Pela naturalidade e, principalmente, pela gratuidade no processo de aprendizagem, muitas vezes esse repertório não é valorizado devidamente.

Tive a felicidade de poder ouvir o Professor Lucildo Ahlert numa conversa sobre o “Sapato de Pau”, o Westfälisch, que, assim como o Hunsrück, é uma variante do idioma oficial alemão, só que oriundo de uma outra região. Principalmente a parte norte do município de Teutônia e grande parte do município de Westfália, no Vale do Taquari, foram colonizadas, na segunda metade do século XIX, por imigrantes oriundos da Westfália, hoje integrante do estado de Nordrhein-Westfalen. Eis o motivo por que muitos descendentes desses colonos ainda falam naturalmente essa variante em muitos ambientes.

O Professor Lucildo falou da necessidade de haver políticas de preservação desse idioma e ele tem total razão nesse aspecto. Um idioma, no entanto, não se estabelece por decreto. Se assim fosse, ninguém falaria alemão no Brasil. Afinal de contas o governo proibira esse e outros idiomas que não fossem o português. Uma guerra fez com que nossa nação se desentendesse com a Alemanha. Vejam os desdobramentos disso. A preservação de um idioma se dá no uso natural, nos ambientes em que seus falantes convivem. Detalhe: a palavra alemã para variante linguística é “Mundart” o que equivale a “versão oral”. Não há uma preocupação com a escrita. Importa o falar.

Didaticamente, o falar integra a fase inicial da aprendizagem de um idioma. Junto com o ouvir, essa é uma prática de extremo valor educacional para as nossas crianças. Pais precisam colaborar nesse sentido.

O futuro

O mundo tem se transformado rapidamente. A tecnologia avançou de maneira exponencial. Os desafios à vida com qualidade em um ambiente preservado são um desafio cada vez maior. Guerras e crises climáticas assolam o planeta atualmente e construir parcerias em favor de um mundo melhor são fundamentais e indicativos de esperança no porvir.

“Somos (Brasil e Alemanha) *parceiros estratégicos e juntos enfrentaremos os desafios do futuro.*” Essas foram palavras da embaixadora alemã, Bettina Cadenbach, por ocasião da cerimônia alusiva aos 200 anos de imigração alemã organizada pelo senado brasileiro.

Mais de 1000 empresas alemãs estão instaladas no Brasil e importantes organizações estão sediadas no Rio Grande do Sul: Stihl, Gedore, SAP e Thyssen Krupp são algumas delas. Aeroportos no Brasil, Porto Alegre e Fortaleza, são administrados pela alemã Fraport, a quem será um gigantesco desafio voltar a operar as instalações de Porto Alegre, após as devastadoras enchentes justamente no bicentenário da imigração alemã no Brasil.

Outras cooperações são de fundamental importância, além da economia. A pesquisa e a formação acadêmica ocupam um lugar de destaque. Muitas universidades alemãs têm colaboração com instituições superiores brasileiras. O DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) estimula o estudo de brasileiros na Alemanha.

A Alemanha enfrenta uma falta de colaboradores principalmente nas áreas da saúde e da tecnologia. Para muitos brasileiros essa tem sido uma boa oportunidade de trabalho. O ir e vir entre Brasil e Alemanha criou hoje outros contornos e contextos. Pode melhor usufruir deles quem estiver melhor preparado.

O jeito é sair daqui

Os imigrantes alemães, em sua maioria despediram-se para sempre de sua terra natal para buscar, em outros continentes, uma vida melhor. A maioria buscou uma nova realidade em função da pobreza extrema e de outros fatores que, aliados a ela, empurraram essa gente a uma decisão sem volta pela sobrevivência e por melhores oportunidades.

Despedir-se de amigos, irmãos, pais para se lançar numa viagem longa e extremamente arriscada, em tempos quando o contato não era imediato e não estava na palma da mão, gerava a probabilidade de nunca mais terem notícias uns dos outros. Uma viagem de travessia do Atlântico, no início do século XIX, da Europa ao Brasil, durava, em média, três meses, quando tudo ia bem. Os navios eram propulsionados a vela e as suas estruturas, extremamente frágeis para suportar a força das ondas que, muitas vezes, se agigantavam.

O espaço apertado, a alimentação inadequada e a higiene extremamente precária levavam muitos à morte durante a viagem. Nesse caso, os corpos eram lançados ao mar. Uma tristeza dupla, considerando a moral da época: a morte e a ausência de sepultura.

Houve imigrantes que levaram um ano e meio, de novembro de 1827 a maio de 1829, para chegarem ao Rio de Janeiro. Faltava chegar ao destino, à Colônia de São Leopoldo, hoje município do mesmo nome, considerado o berço da imigração alemã no Brasil.

Sugiro aos interessados a leitura do livro “Desvendando um mito: a lenda do veleiro Cäcilia” de autoria do arroioense Décio Aloisio Schauren e do alemão Friedrich Hüttenberger, que relatam a história de um grupo significativo de imigrantes e lançam um novo olhar sobre o mito de fundação de outra localidade fundamental na imigração alemã: a Baumschneise, hoje Dois Irmãos.

Um mosaico cultural

“O Brasil é um mosaico de culturas, idiomas e de tradições caracterizado pela imigração de muitas nações diferentes.” A frase foi proferida pela embaixadora alemã no Brasil, Sr.^a Bettina Cadenbach, por ocasião da celebração dos 200 anos de imigração alemã no Brasil, organizada pelo Senado Nacional e dirigida pelo senador paranaense Flávio Arns. Esse mosaico é, ao mesmo tempo, uma enorme oportunidade e um grande desafio. A aproximação entre confissões e diferentes etnias levou um certo tempo para se estabelecer desde os primórdios da imigração alemã.

Entre os próprios alemães imigrantes havia divergências por questões de credo. No livro “Desvendando o mito: a lenda do veleiro Cäcilia” de Schauen e Hüttenberger faz-se menção à ideia dos imigrantes da região do rio Mosel, de maioria católica, de que os oriundos do Hunsrück e de outras regiões, de origem protestante, seriam a causa do naufrágio do navio que os deveria trazer ao Brasil.

Nas colônias alemãs, perseverou por muito tempo essa querela. Quando havia colonos de ambas as confissões na mesma colônia, muitas vezes eles ocupavam espaços geográficos específicos. Um arroio poderia ser a divisão física entre eles. De um lado católicos; de outro, protestantes. Casamentos interconfessionais não eram bem-vistos. Se o amor falasse mais alto entre um casal de diferentes confissões, não raro se exigia que um deles migrasse para a confissão do outro.

Se isto ocorria entre os próprios alemães em função das confissões, imaginem o desafio de encarar novas culturas com suas festas, culinária, estilos musicais, vestimentas, idiomas, cor da pele...

Passado o tempo, temos um belo diálogo entre as culturas que enriquecem esse mosaico coloridíssimo chamado Brasil.

O convívio respeitoso e compreensivo educa.

Uma nova língua

Muitas gerações, desafios, oportunidades e conversas depois da chegada dos primeiros falantes de alemão ao Brasil fez com que o idioma trazido do Velho Continente fosse aos poucos se transformando. A principal causa disso é a ausência de contato dos próprios colonos e de seus descendentes com a sua terra de origem.

Hoje, nas diversas variantes do alemão praticadas em solo brasileiro, há uma mescla com palavras oriundas do português, tupi-guarani ou de idiomas africanos.

O aparelho de televisão, por exemplo, foi inventado bem depois da chegada da grande maioria dos imigrantes das regiões (Não havia o país denominado Alemanha ainda.) falantes do alemão. Não tinha problema. Tomava-se emprestado do português. Die Televison. Em alemão se diz “der Fernseher” – *fern* quer dizer *distante* e *sehen* significa ver.

Não havia na Alemanha o prato denominado mocotó. Sem problema, o termo africano foi, via português, devidamente assimilado. *Ich esse iwa gern Mocoto. Adoro comer mocotó.*

A expressão, muitas vezes usada por minha mãe, quando queria se referir ao período de sua infância, soa viva: “Als mer noch so Guri wore”, *quando ainda éramos crianças*. Essa expressão introduzia sempre relatos que adorávamos ouvir. Eles geralmente tinham um caráter cômico do que eles viviam, viam ou aprontavam. Um obrigado ao tupi-guarani, que nos legou o termo, cujo significado é, entre outros, *pequeno*.

Vejam que até os idiomas se entrelaçaram. Assim a adaptação ao novo mundo fica mais fácil. Mesmo assim, as morais, por muito tempo, não permitiram uma integração geral imediata.

Harald Malschitzky

23.08.2024

Prezado Everton.

Li com interesse o teu artigo no VS de hoje no qual dedicas bom espaço às diferentes confissões que vieram simultaneamente com os alemães. Me provocaste a mexer em minhas lembranças e experiências. Os imigrantes protestantes perderam na chegada, pois o catolicismo era a religião oficial. As consequências práticas por décadas são conhecidas.

Eu, desde criança, vivi essa esquizofrenia religiosa. Em São Bento do Sul, padres e pastores não se poupavam. Mas eu sempre tive muitos amigos católicos. Além disso, uma das minhas tias mais queridas e acho que a maior amiga da minha mãe, era católica de carteirinha. Para me preparar ao ginásio estudei um ano em escola de freiras. Já como estudante de teologia fui participar de um ótimo relacionamento com os seminaristas do Cristo Rei. Enquanto isso, nas comunidades, nas bases, preconceitos e intrigas estavam na ordem do dia: Namoro e casamentos de pessoas das duas confissões eram criticados e até geravam brigas familiares homéricas.

A maioria dos cemitérios públicos tinha áreas distintas para cada religião, o que, aliás ainda vivi nos primeiros anos de pastorado. Já no pastorado a gente até tinha “cultos ecumênicos” em momentos especiais, mas na base a coisa continuava complicada, ainda que o Vaticano II tivesse aberto portas de boas relações. Já em Toledo, na 5. Região Eclesiástica, as relações entre as duas igrejas foram excelentes. Eu, “bispo” luterano, era convidado amiúde a pregar na catedral na missa da noite! Juntos, diocese, prefeitura, cooperativa e nós criamos duas faculdades – FACITOL – onde lecionamos lado a lado. Quando me convidaram para lecionar na EST (Hoje Faculdades EST), fui designado pela IECLB para a Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, comissão que tem como missão discutir questões doutrinárias. Foi na época em que ao menos o batismo seria reciprocamente reconhecido.

Nós, protestantes, queríamos mais de acordo com o documento Batismo, Eucaristia, Ministério (BEM). Fiquei na empreitada por dez anos. Finalmente, no pastorado em Porto Alegre, pude participar de diversas ações concretas conjuntas (serviço de aconselhamento, diálogos teológicos, um belo grupo ecumênico de estudos bíblicos criado por mulheres, celebrações conjuntas). Ah sim, no “ninho protestante” fui professor na Faculdade de Teologia Anglicana, uma experiência especial. E pra não esquecer: Em 1988 fui professor no Seminário Ecumênico de Teologia em Matanzas (Cuba), mantido pelas igrejas Metodista, Anglicana e Presbiteriana, eu único luterano no pedaço!

20

Então, Everton, teu artigo me provocou a dizer experiências concretas daquilo que só conseguiste retratar no geral pelo espaço que tinhas. Acho que caminhamos muito no mosaico religioso e sou muito grato por isso. Ainda assim, eu gostaria de termos caminhado mais, por exemplo, de termos comunhão plena na Santa Ceia. Mas isso nem ao menos é possível com nossa co-irmã IELB, que começa não aceitando nem ao menos comunhão de púlpito, que dirá a comunhão eucarística!

Um bom final de semana. Continua escrevendo, vale a pena! Baita abraço

Harald

Harald Malschitzky, pastor emérito

São Leopoldo – RS

harald.malschitzky@gmail.com

200 Jahre später

Ich habe Glück im Dorf meiner Kindheit erlebt. Es gab Angeln, Baden im Bach, Seifenkistenfahrten auf Wiesen und auf Gehwegen, Fußball (Ich wurde mit zwei linken Füßen geboren!), Kirche, Theater, Musik, Partys und vieles mehr. Und da war auch die Schule, die Kinder jeden Alters zusammenbrachte. Fantastische Schulpausen mit den unterschiedlichsten Spielen. Vieles davon erlebten wir in der Sprache, die bei uns zu Hause gesprochen wurde: Hunsrückisch, eine Variante der deutschen Sprache.

Nach und nach wurden wir erwachsen und wollten wie unsere Cousins aus den Großstädten reden. Es war schick, gut Portugiesisch zu sprechen, letztendlich „fressen Kartoffel-Deutsche Käse mit Kakerlaken“. Wenn man Vertreter einer Kultur dazu führt, sich über die eigene Kultur zu schämen und dadurch über sich selbst, richtet man eine heftige Zerstörung an. Sehr gut strukturiert war die Nationalisierungskampagne nach 1945 der damaligen brasilianischen Regierung.

Ich freue mich sehr, dass heute alles anders ist. Das gute Sprechen einer Variante oder der offiziellen deutschen Sprache öffnet uns Türen, um uns besser auf der Weltbühne zu integrieren. Englisch ist bereits eine selbstverständlich akzeptierte Sprache. Die Beherrschung der Muttersprache, Englisch und einer weiteren Sprache macht den Unterschied.

Was früher in den verschiedenen Umgebungen des Dorfes auf natürliche Weise gelernt wurde, muss heute gerettet werden. Diese Rettung ist viel aufwändiger. Chancen gehen verloren und Kinder werden davon ausgeschlossen, eine viel größere Welt zu entdecken. Schließlich tragen Sprachen eine enorme kulturelle Last in sich. Sie sind eine Art zu sein und die Welt zu sehen, zu verstehen und mitzugestalten.

Vor der Schule müssen Sprachen innerhalb der Familie gefördert werden. Wir haben noch Zeit, unsere Kinder in den Sprachen zu unterrichten, die aus den verschiedenen Ländern mitgebracht wurden, aus denen Brasilien im Jahr 2024 besteht, 200 Jahre nach der Ankunft der ersten deutschsprachigen Siedler auf brasilianischem Boden.

Everton Augustin

everton.augustin@gmail.com

Kooperation ist eine Eigenschaft

Eine Sprache ist im Wesentlichen der Ausdruck einer ganzen Kultur. Die Art zu sein, zu denken und zu handeln ist eng mit der Sprache verbunden, mit der eine Gruppe kommuniziert. Neben der Sprache brachten die Deutschen Werte mit, die ihnen sehr am Herzen lagen.

Das Gemeinschaftsleben war für sie einer der grundlegenden Aspekte, um die enormen Herausforderungen des Aufbaus eines Lebens in einem fremden Land zu meistern. Die Realität in der neuen Heimat unterscheidete sich stark von der an ihrem Herkunftsort.

Die einfache Tatsache, mit wenigen Werkzeugen mitten im Wald ein Haus zu bauen, war eine einfachere Aufgabe, wenn viele Menschen kooperierten. Es war notwendig, Bäume zu fällen und sie nur minimal zu bearbeiten, damit sie Schutz vor dem Wetter und vor den Gefahren der Umgebung hatten. Viele Hände und der Sinn der Zusammenarbeit machten diese Herausforderung erträglich.

Nachdem die Grundbedürfnisse des Überlebens und der Beseitigung der Toten erfüllt waren, galt es, über die Kinder und ihre Zukunft nachzudenken. Schule gehört zu den Grundwerten der deutschen Gesellschaft. Jeder muss lesen und schreiben können, um alles besser zu verstehen und um sich gut ausdrücken zu können. Das Rechnen zu beherrschen machte die vielen Jobs und das Leben im Allgemeinen einfacher. So begannen Einwanderer mit dem Bau von Schulen oder Kirchen. Einige spendeten Geld, andere Baumaterialien. Wieder andere widmeten ihre eigene Arbeit dem Bau der Schule.

Nachdem diese Phase vorbei war, wurde es Zeit, über Feste nachzudenken. Es entstanden Gesellschaften aller Art: Musik (Gesang und Instrumental), Sport, Theater und viele andere Ausdrucksformen des menschlichen Geistes. Vielleicht erklärt dieser Geist die große Zahl an Sport- und Kulturvereinen und Genossenschaften in deutschen Einwanderungsgebieten. Kooperation ist Bildung.

Seit Jahrhunderten

Eine langjährige Beziehung verbindet Deutschland und Brasilien. Zu Beginn der Besetzung der brasilianischen Gebiete durch die Portugiesen hielt sich mindestens ein Deutscher in der Gegend auf. Er wusste, wie man Schießpulver herstellte und war daher ein starker Verbündeter der Portugiesen, die gegen jeden kämpften, der auch dieses wunderbare Land haben wollte. Hans Staden war sein Name und er ist den hungrigen Tupinambás kaum entkommen. Zurück in seiner Heimat schrieb er ein Buch über seine beiden Reisen nach Brasilien.

Die massenhafte Ankunft der Deutschen in Brasilien ab der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts ist das Ergebnis des Ziels des Kaisers, eine starke Armee zu schaffen, um sich gegen Portugal zu verteidigen, von dem es sich für unabhängig erklärt hatte. Zusätzlich zu den Soldaten war es wichtig, Menschen zu haben, die zur Nahrungsmittelproduktion beitragen und das Gebiet im Süden Brasiliens besetzen konnten, um es vor den Angriffen der Spanier zu schützen. Bemerkenswert! Die Frau von Kaiser D. Pedro I. war eine Österreicherin aus der Habsburger-Dynastie und wusste sehr gut, wo Einwanderer mit diesen Eigenschaften zu finden waren. Die Propaganda für die Auswanderung der Deutschen nach Brasilien lag damals in der Verantwortung eines anderen Deutschen, Major Georg Anton von Schäffer, der am Hofe des brasilianischen Reiches arbeitete und der Kaiserin Leopoldina und dem großen Führer der Unabhängigkeit Brasiliens, José Bonifácio de Andrada e Silva, nahe stand.

Heute gibt es Befürworter, dass die Wiege der deutschen Einwanderung Nova Friburgo ist, während andererseits gesagt wird, dass São Leopoldo ab 1824 das Ziel der nach Brasilien gezogenen Deutschen als Strategie des brasilianischen Reiches war.

200 Jahre sind vergangen und die Perspektive einer Geschichte hängt immer vom Erzähler ab...

Ich kann net richtig

„Ich kann net richtig Deitsch“ („Ich kann nicht richtig Deutsch“) ist oft die Reaktion von jemandem, der hier in Brasilien die Hunsrück-Variante beherrscht, wenn er von einem Sprecher der offiziellen deutschen Sprache angesprochen wird. In diesem Ausdruck steckt ein Minderwertigkeitsgefühl. Dieses Gefühl ist eine Folge des Selbstbildes, das über lange Zeit von Generationen aufgebaut wurde, die in vielen Gegenden unseres Brasiliens die Sprache sprechen.

Sie wissen nicht, dass sie Träger eines immensen Reichtums sind. Von einer Sprachvariante zur offiziellen Version ist ein viel kürzerer und aufwendiger Weg als der, den diejenigen zurücklegen müssen, die keine germanische Sprache sprechen und sie von Grund auf lernen müssen. Ein Sprecher einer Variante ist ein „falscher Anfänger“ beim Erlernen der Amtssprache. Dasselbe passiert mit denen, die „Veneto“ beherrschen und auf Dantes Italienisch stoßen.

Der Stolz darauf, Träger äußerst wertvollen immateriellen Reichtums zu sein, ist von grundlegender Bedeutung, um die Türen des Lernens und der Möglichkeiten weit zu öffnen. Es gibt viele Beispiele für erfolgreiche Profisioneller aufgrund ihrer differenzierten Sprachbeherrschung zusätzlich zu ihrem technischen Wissen in ihrem Fachgebiet. Wichtig ist, dass die Art und Weise, wie sie mit anderen Menschen umgehen und sich äussern, unabhängig von der Sprache, einen Unterschied macht.

Die Entwicklung einer Region kann auch durch die Fähigkeit erfolgen, Menschen aus der ganzen Welt anzuziehen, um mehr über das Leben der Menschen, über unser schönes Land und auch unsere Stärken zu erfahren. Ob in der offiziellen Version oder in einer idiomatischen Variante, die Sprachkenntnisse werden sicherlich für einen differenzierten Empfang derjenigen sorgen, die uns besuchen und schließlich mit uns auch Geschäfte führen.

Ganz natürlich

Wir haben eine große Vielfalt an Sprachen, die in Familienhäusern gesprochen werden und zum Aufbau unserer Region beitragen. Es ist ein Reichtum, dessen Wert unermesslich ist. Aufgrund der Natürlichkeit und vor allem der Unentgeltlichkeit des Lernprozesses wird dieses Repertoire oft nicht angemessen gewürdigt.

Ich hatte das Glück, Professor Lucildo Ahlert bei einem Gespräch über den „Westfälisch“ (in Brasilien „Holzschuh“ genannt) zuhören zu dürfen, das wie Hunsrückisch eine Variante der offiziellen deutschen Sprache ist, aber aus einer anderen Region stammt. Vor allem der nördliche Teil der Gemeinde Teutônia und ein großer Teil der Gemeinde Westfalia im Taquari-Tal wurden in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts von Einwanderern aus Westfalen, dem heutigen Bundesland Nordrhein-Westfalen, besiedelt. Aus diesem Grund sprechen viele Nachkommen dieser Kolonisten in vielen Umgebungen immer noch diese Variante.

Professor Lucildo sprach von der Notwendigkeit politischer Maßnahmen zum Erhalt dieser Sprache und hat in dieser Hinsicht völlig Recht. Eine Sprache wird jedoch nicht per Dekret eingeführt. Wenn das der Fall wäre, würde in Brasilien niemand mehr Deutsch sprechen. Schließlich hatte die Regierung diese und andere Sprachen außer Portugiesisch verboten. Ein Krieg führte dazu, dass unsere Nation sich gegen Deutschland positionierte. Man sieht, dass die Konsequenzen überhaupt nicht gut waren.

Der Erhalt einer Sprache erfolgt durch den natürlichen Gebrauch in der Umgebung, in der ihre Sprecher leben. Bemerkenswert: das deutsche Wort für sprachliche Variante ist „Mundart“. Das bedeutet, dass sie einfach gesprochen wird. Die schriftliche Form einer Variante ist nicht so wichtig. Hauptsache ist, dass sie gesprochen wird.

Didaktisch gehört das Sprechen zur Anfangsphase des Sprachenlernens. Neben dem Zuhören ist dies eine Praxis von außerordentlichem pädagogischem Wert für unsere Kinder. In diesem Sinne haben die Eltern zu Hause eine wichtige Aufgabe.

Die Zukunft

Die Welt hat sich schnell verändert. Die Technologie hat sich exponentiell weiterentwickelt. Die Herausforderungen für ein qualitativ hochwertiges Leben in einer geschonten Umwelt werden immer größer. Kriege und Klimakrisen plagen derzeit den Planeten und der Aufbau von Partnerschaften für eine bessere Welt ist von grundlegender Bedeutung und ein Zeichen der Hoffnung für die Zukunft.

„Wir (Brasilien und Deutschland) sind strategische Partner und gemeinsam werden wir uns den Herausforderungen der Zukunft stellen.“ Dies waren die Worte der deutschen Botschafterin Bettina Cadenbach anlässlich der vom brasilianischen Senat organisierten Feier zum 200-jährigen Jubiläum der deutschen Einwanderung.

Mehr als 1000 deutsche Unternehmen sind in Brasilien ansässig und wichtige Organisationen haben ihren Sitz in Rio Grande do Sul: Stihl, Gedore, SAP und Thyssen Krupp sind einige davon. Die Flughäfen Porto Alegre und Fortaleza werden von der deutschen Firma Fraport verwaltet, die nach den verheerenden Überschwemmungen genau zum 200. Jahrestag deutscher Einwanderung nach Brasilien vor einer riesigen Herausforderung steht, nämlich die Anlagen in Porto Alegre wieder in Betrieb zu setzen. Neben der Wirtschaft sind weitere Kooperationen von grundlegender Bedeutung. Forschung und akademische Ausbildung spielen eine herausragende Rolle. Viele deutsche Universitäten kooperieren mit brasilianischen Hochschulen. Der DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) ermutigt Brasilianer, in Deutschland zu studieren.

In Deutschland mangelt es vor allem in den Bereichen Gesundheitswesen und Technologie an Arbeitskräften. Für viele Brasilianer ist dies eine gute Arbeitsmöglichkeit.

Das Hin und Her zwischen Brasilien und Deutschland hat heute andere Konturen und Zusammenhänge geschaffen. Wer besser vorbereitet ist, kann sie besser nutzen.

Wir müssen hier weg

Die Mehrheit der deutschen Einwanderer verabschiedete sich für immer von ihrer Heimat, um auf anderen Kontinenten ein besseres Leben zu suchen. Die Mehrheit suchte nach einer neuen Realität aufgrund extremer Armut und anderer Faktoren, die diese Menschen dazu zwangen, eine Einwegentscheidung für ihr Überleben und für bessere Gelegenheiten zu treffen.

Sich von Freunden, Geschwistern und Eltern zu verabschieden und sich auf eine lange und äußerst riskante Reise zu begeben, in Zeiten, in denen der Kontakt nicht unmittelbar war und nicht wie ein Handy in der Hand lag, birgt die Gefahr, nie wieder voneinander zu erfahren.

Eine Reise über den Atlantik, zu Beginn des 19. Jahrhunderts, von Europa nach Brasilien, dauerte durchschnittlich drei Monate, wenn alles gut verlief. Die Schiffe wurden von Segeln angetrieben und ihre Strukturen waren äußerst zerbrechlich, um der Kraft der oft riesigen Wellen standzuhalten.

Die engen Räumlichkeiten, unzureichende und schlechte Nahrung und extrem schlechte Hygiene führten dazu, dass viele während der Reise starben. In diesem Fall wurden die Leichen ins Meer geworfen. Eine doppelte Traurigkeit angesichts der damaligen Moral: der Tod und das Fehlen eines Grabes.

Es gab Einwanderer, die von November 1827 bis Mai 1829 eineinhalb Jahre brauchten, um in Rio de Janeiro anzukommen. Sie mussten noch ihr Ziel erreichen, die Kolonie São Leopoldo, heute eine gleichnamige Stadt, die als Wiege der deutschen Einwanderung nach Brasilien anerkannt wird.

Interessierten empfehle ich die Lektüre des Buches „*Desvendando um mito: a lenda do veleiro Cäcilia*“ des aus Arroio do Meio stammenden Décio Aloisio Schauren und des Deutschen Friedrich Hüttenberger, die die Geschichte einer bedeutenden Gruppe von Einwanderern erzählen und einen neuen Blick auf den Mythos der Gründung der Baumschneise, heute Dois Irmãos genannt, werfen. Diese Stadt ist ein wichtiger Ort der deutschen Einwanderung.

Ein Kulturenmosaik

„Brasilien ist ein Mosaik aus Kulturen, Sprachen und Traditionen, geprägt von der Einwanderung aus vielen verschiedenen Nationen.“ Der Satz wurde von der deutschen Botschafterin in Brasilien, Frau Bettina Cadenbach, anlässlich der Feierlichkeit zum 200. Jahrestag der deutschen Einwanderung in Brasilien geäußert, die vom Bundessenat unter der Leitung von Herrn Flávio Arns, Senator aus Paraná, organisiert wurde. Dieses Mosaik ist eine große Chance und eine große Herausforderung zugleich. Die Annäherung zwischen Konfessionen und unterschiedlichen Ethnien hat seit Beginn der deutschen Einwanderung einige Zeit in Anspruch genommen.

Unter den eingewanderten Deutschen selbst gab es Meinungsverschiedenheiten auch durch Glaubensfragen veranlasst. In dem Buch *„Desvendando o mito: a lenda do veleiro Cäcilia“* von Schauren und Hüttenberger wird die Vorstellung der Auswanderer aus dem Moselgebiet mit katholischer Mehrheit erwähnt, dass diejenigen aus dem Hunsrück und anderen Regionen, da sie protestantischen Ursprungs waren, die Ursache für den möglichen Untergang des Schiffes, das sie nach Brasilien bringen sollte, sein könnten.

In den deutschen Kolonien dauerte diese Aussernandersetzung noch lange an. Wenn es Siedler beider Konfessionen in derselben Kolonie gab, besetzten sie oft bestimmte geografische Gebiete. Ein Fluss konnte die physische Trennung zwischen ihnen sein. Auf einer Seite Katholiken; auf der anderen Seite Protestanten. Interreligiöse Ehen waren nicht erwünscht. Wenn die Liebe zwischen ein Paar unterschiedlicher Konfessionen lauter sprach, war es oft erforderlich, dass einer von ihnen zum Bekenntnis des anderen überging.

Wenn dies aufgrund von Konfession unter den Deutschen selbst geschah, muss man sich die Herausforderung vorstellen, wie aussergewöhnlich es war, sich neuen Kulturen mit ihren Festen, ihrer Küche, ihren Musikstilen, ihrer Kleidung, ihren Sprachen, ihrer Hautfarbe... anzunähern.

Inzwischen haben wir einen wunderschönen Dialog zwischen den Kulturen, der dieses bunte Mosaik namens Brasilien bereichert.

Ein respektvolles und verständnisvolles Miteinander bildet.

Eine neue Sprache

Viele Generationen, Herausforderungen, Chancen und Gespräche nach der Ankunft der ersten Deutschsprecher in Brasilien führten dazu, dass sich die aus Europa mitgebrachte Sprache allmählich veränderte. Die Hauptursache dafür ist der fehlende Kontakt der Siedler selbst und ihrer Nachkommen zu ihrer Heimat.

Heute befinden sich in den verschiedenen Varianten des Deutschen, die auf brasilianischem Boden gebräuchlich sind, Wortmischungen aus dem Portugiesischen, Tupi-Guarani oder afrikanischen Sprachen.

Der Fernseher zum Beispiel wurde lange nach der Ankunft der überwiegenden Mehrheit der deutschsprachigen Einwanderer aus den deutschsprachigen Regionen Europas erfunden (Es gab vor 200 Jahren noch kein Land namens Deutschland). Die Situation wurde auf einfachem Wege gelöst. Es wurde aus dem Portugiesischen ein Begriff entnommen: *die Televison*.

Es gab in Deutschland kein Gericht namens Mocotó. Das Wort wurde problemlos von einer afrikanischen Sprache über das Portugiesische übernommen. „*Ich esse iwa gern Mocotó.*“ Das bedeutet: „*Ich liebe es, Mocotó zu essen.*“

Der Ausdruck, den meine Mutter oft benutzte, wenn sie sich auf die Zeit ihrer Kindheit beziehen wollte, klingt ganz lebhaft: „*Als mer noch so Guri wore*“ oder „*Als wir noch Kinder waren*“. Dieser Ausdruck leitete immer Geschichten ein, die wir gerne hörten. Sie hatten im Allgemeinen einen komischen Charakter in Bezug auf das, was sie erlebten, sahen oder taten. Ein Dankeschön an die Tupi-Guarani-Sprache, die uns den Begriff „Guri“ hinterlassen hat, welcher unter anderem „klein“ bedeutet.

Zu beachten ist, dass sogar die Sprachen miteinander verflochten sind. Dies erleichtert die Anpassung an die neue Welt. Dennoch ließ die Moral lange Zeit keine unmittelbare allgemeine Integration zu.

Harald Malschitzky

23.08.2024

Lieber Everton,

Mit Interesse habe ich deinen Artikel in der heutigen VS (Zeitung „Vale dos Sinos“) gelesen, in dem du den unterschiedlichen Bekenntnissen der deutschen Einwanderer in Brasilien viel Raum widmest. Dadurch hast du mich provoziert, in meinen Erinnerungen und Erfahrungen rumzuwühlen.

Protestantische deutsche Einwanderer wurden bei ihrer Ankunft irgendwie benachteiligt, da der Katholizismus die offizielle Religion in Brasilien war. Die tatsächlichen Konsequenzen für Jahrzehnte sind uns bekannt.

Seit meiner Kindheit habe ich diese religiöse Schizophrenie erlebt. In São Bento do Sul haben sich Priester und Pfarrer oft gegenseitig angegriffen. Aber ich hatte immer viele katholische Freunde. Darüber hinaus war eine meiner liebsten Tanten und ich glaube, die beste Freundin meiner Mutter, eine fromme Katholikin. Um mich auf die Oberstufe vorzubereiten, besuchte ich ein Jahr lang eine Schule der katholischen Schwestern. Als protestantischer Theologiestudent pflegte ich eine tolle Beziehung zu den Seminaristen vom Cristo Rei (katholisches Seminar in São Leopoldo). In der Basis der Gemeinden, waren weiterhin Vorurteile und Intrigen wahrzunehmen: interkonfessionelle Liebesbeziehungen und Ehen wurden kritisiert und führten sogar zu homerischen Streitigkeiten zwischen den betroffenen Familien.

Die meisten öffentlichen Friedhöfe verfügten über getrennte Bereiche für jede Religion, was ich tatsächlich noch in den ersten Jahren meiner Pfarrstelle erlebte. Im Pfarramt hatten wir zu besonderen Anlässen sogar „ökumenische Gottesdienste“, aber in der Basis der Konfessionen blieb es weiterhin kompliziert, auch wenn das Zweite Vatikanum Türen für gute Beziehungen geöffnet hatte. In Toledo, Sitz der 5. Kirchenregion der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien waren die Beziehungen zwischen den beiden Kirchen ausgezeichnet. Ich, ein lutherischer „Bischof“, wurde oft eingeladen, in der Abendmesse in der Kathedrale zu predigen! Gemeinsam haben die Diözese, die Stadtregierung, die Genossenschaft und wir zwei Hochschulen – FACITOL – gegründet, an denen wir Seite an Seite unterrichteten. Als ich eingeladen wurde, an der EST (Escola Superior de Teologia – Lutherische Theologische Hochschule) zu unterrichten, wurde ich von der IECLB (der Evangelisch-Lutherischen Kirche Brasiliens) in die Glaubens- und Kirchenverfassungskommission des Ökumenischen Rates der Kirchen berufen, eine Kommission, deren Aufgabe es ist, Glaubensfragen zu diskutieren. Zu der Zeit wurde zumindest die Taufe gegenseitig anerkannt. Die meisten nicht katholischen Vertreter

31

wollten mehr im Einklang mit dem Dokument „Batismo, Eucaristia, Ministérios“ (BEM) - Taufe, Abendmahl und Amt. Zehn Jahre lang habe ich diese Aufgabe ausgeübt. Schließlich konnte ich im Pfarramt in Porto Alegre an mehreren konkreten gemeinsamen Aktionen teilnehmen (Beratungsdienst, theologische Dialoge, eine schöne ökumenische Bibelarbeitsgruppe von Frauen, gemeinsame Feier). Ach ja, in diesen Jahren war ich Dozent an der Anglikanischen Fakultät für Theologie, ein besonderes Erlebnis. Bemerkenswert: 1988 war ich Dozent am Ökumenisch-Theologischen Seminar in Matanzas (Kuba), das von der methodistischen, anglikanischen und presbyterianischen Kirche getragen wird. Ich war der einzige Lutheraner am Ort!

Also, Everton, dein Artikel hat mich dazu veranlasst, konkrete Erfahrungen darüber zu sagen, was du im Allgemeinen wegen des begrenzten Raumes in der Zeitung darstellen konntest. Ich denke, wir haben im religiösen Mosaik einen langen Weg zurückgelegt, und dafür bin ich sehr dankbar. Dennoch wünschte ich, wir wären einen Schritt weiter gekommen, um zum Beispiel die volle Kommunion im Heiligen Abendmahl zu haben. Aber das ist nicht einmal bei unserer Mitschwester IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil) möglich, die nicht einmal die Kanzelgemeinschaft annimmt.

Ein schönes Wochenende. Schreib weiter, es lohnt sich!

Ganz liebe Grüße,

Harald

Harald Malschitzky, emeritierter Pfarrer

São Leopoldo – RS

harald.malschitzky@gmail.com